



# POVO ALGARVE

Director, Editor e Proprietário:  
*Manuel Virgínio Pires*

Povo Algarvio - Tavira  
Ex.º Sr.  
Biblioteca Nacional  
Serviço de Depósito Legal  
Lisboa 2

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração - Rua Dr. Parreira, 13 - Telefone 127 - TAVIRA - Composição Impressão - Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 - TAVIRA

## O ALGARVE E O TURISMO: PROSSEGUE A VALORIZAÇÃO DO ALENTEJO

NOTA PARA A IMPRENSA  
Do Gabinete do Ministro das Obras Públicas

A importância dos problemas relacionados com o turismo no Algarve tem sido realçada pela imprensa, que, assim, reflecte a curiosidade pública por uma matéria acerca da qual a iniciativa privada felizmente tanto se tem ultimamente ocupado.

Em correspondência com este expressivo interesse pretende-se, através desta nota sucinta, dar conhecimento da orientação que tem sido adoptada e do que tem sido realizado pelo Ministério das Obras Públicas, no sentido de conseguir uma rápida e bem estruturada valorização daquela região, — sempre em perfeito entendimento com o S. N. L., a quem compete, como se sabe, a promoção do turismo, sua orientação geral e a coordenação dos esforços dos órgãos locais e das actividades que com ele mais estreitamente se relacionam.

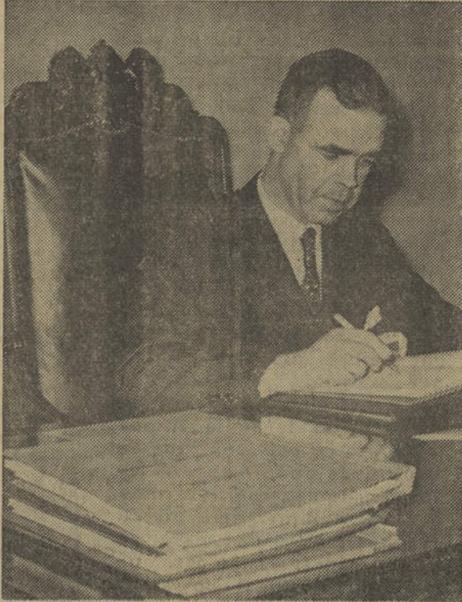
Os estudos de planeamento urbanístico de toda a região algarvia, que englobam, com singular importância neste caso, os aspectos relacionados com o seu rápido desenvolvimento turístico, foram iniciados pelo Ministério das Obras Públicas há cerca de um ano. Para o efeito foi criado, na Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, um Gabinete Técnico no qual colaboram técnicos especializados italianos, professores de urbanismo em Milão. O referido Gabinete é assistido por uma Comissão Consultiva, na qual estão representados todos os departamentos do Estado no assunto interessados, além das administrações locais e outras entidades directamente ligadas à sua actividade.

Em seguida a um inquérito geral à região do Algarve que, naturalmente, incluiu sobre todos os aspectos que podem condicionar o seu futuro desenvolvimento e es-

truturação, foi possível elaborar um esquema orientador da urbanização de toda a faixa marginal onde praticamente se concentram por agora as iniciativas privadas de carácter turístico.

O citado estudo está sendo analisado pelos departamentos técnicos que podem contribuir para a execução das grandes obras de

Continua na 2.ª página



### SEMANA DO ULTRAMAR

Integrado na Semana do Ultramar e de cooperação com a Sociedade de Geografia, realiza-se amanhã, dia 11, pelas 22 horas, na sede da Legião Portuguesa, desta cidade, uma palestra proferida pelo Comandante de Lança sr. Cristovam T. de Sousa, que versará o tema «Coexistência Cultural».

Também na Casa do Povo de Santa Catarina da Fonte do Bispo, integrada na Semana do Ultramar, promovido pela Sociedade de Geografia, realizam hoje palestras os srs. professores José Joaquim Gonçalves, Manuel Cândido Mariano e Justiniano Manuel Correia Varques.

### A Verdade é Silenciosa

CITA-SE a importância do diálogo abaixo, entre o jurídico e o moral, penetrando por vezes, um, outro, os dois juntos, nenhum em separado... tudo é consoante as circunstâncias e as «convenções» convencionadas dos homens.

Bem que a verdade é só uma, acontece, mesmo assim, serem os homens dotados de uma especial faculdade potente em complicar as coisas mais difíceis de complicação. Não que-

ro fugir ao tema, nem ao prescrito na conclusão...

Eu disse que a verdade era silenciosa, para dizer que não vale pela altura em que é proclamada... Coisas desconhecidas que, por desconhecidas, se não praticam... mas, tão pouco importantes que, a serem actualizadas, até fariam que as guerras acabassem...

Quem fala comunica mensagem alguma que deseja ver compreendida. Preciso é dizer claro para que se entenda. Preciso é dizer baixo para que se não confunda.

Continua na 4.ª página

### EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA

no Clube Desportivo Olhanense

Inaugurou-se no passado dia 30 de Abril e permanecerá aberta ao público durante 15 dias, uma interessante exposição de arte moderna no Clube Desportivo Olhanense, por iniciativa da secção cultural daquele clube.

A exposição consta de desenhos, oleos, guaches, gramas, escultura e cerâmica e nela apresentam os seus trabalhos, Martim Alves, Adão Contreiras, Moniz Ribeiro, Monteiro Gil, Manuel André, Maria Manuela de Sousa, José de Lemos, Júlio Carrapato, Figueiredo de Sobral, Pedro Morais e Pedro Teixeira.

É uma manifestação de arte feita com a colaboração de uma pleiade de artistas da moderna geração que bem merece a apreciação do público. Recomendamos por isso aos nossos leitores que se interessam pelos assuntos de arte uma visita àquela exposição.

### O RESTAURO DA IGREJA DE SANTO ANTONIO

Foi bem recebida a notícia da abertura de uma subscrição para a reparação dos estragos causados pelo abalo sísmico na Igreja de St.º António, pelos tavirenses, senhoras e conselheiros devotos do santo taumaturgo português.

Segundo a opinião dos técnicos a obra atingirá algumas dezenas de contos e a Confraria, para dar maior relevo à subscrição pede que as inscrições sejam feitas na nossa Redacção.

Acendendo ao seu pedido e porque se trata afinal de uma obra até certo ponto de interesse geral pois sempre lutamos pela conservação dos monumentos, igrejas e obras de arte local, a partir desta data estará patente na nossa Redacção a lista para a inscrição das verbas para esse fim.

### AS FESTAS DE TAVIRA E OS SEUS COLABORADORES

JÁ está em organização o programa das tradicionais Festas da Misericórdia de Tavira, a realizar, como de costume, em Agosto do corrente ano.

Nelas colaborarão como de costume, diversos sectores da vida social da cidade. Tavira considera já as suas festas como um elemento de propaganda dos seus atractivos e por isso, as suas forças vivas contribuem com o seu esforço e boa vontade para a sua realização.

Assim, a Santa Casa da Misericórdia e a Câmara Municipal de Tavira, na mais íntima colaboração, realizarão este ano as grandes festas de Agosto que certamente hão-de mar-

Continua na 2.ª página



António Luz

### VISITANTES ILUSTRES

Estiveram nesta cidade, os srs. Eng.º Araujo Correia, Administrador da Caixa Geral de Depósitos e Eng.º Sebastião Ramirez, ambos deputados da Assembleia Nacional e antigos ministros que, com o sr. Dr. Jorge Correia, visitaram a Ilha de Tavira, tendo apreciado muito aquela aprazível praia, um dos mais belos recantos da costa algarvia.

### Novo mercado de St.ª Catarina

No passado dia 5 do corrente, com a presença das autoridades concelhias, foi inaugurado o novo mercado da aldeia de St.ª Catarina da Fonte do Bispo, melhoramento que veio preencher uma grande lacuna que de há muito se fazia sentir naquela localidade.

A fita simbólica foi cortada pela menina Maria Sotero Vargues.

### Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO

SAUBADES DO MAR I...

22-3-964 - É extraordinário como pequenas coisas podem influenciar o nosso espírito fazendo acordar em nós pensamentos que há muito julgávamos adormecidos!

Mas sucederá sempre assim? Quere-nos parecer que não! A maioria das vezes esses pequenos nada ficam distantes

não despertando a nossa sensibilidade.

«Cada pessoa é um Mundo!» Mas há certos traços do nosso espírito, do nosso coração, da nossa alma, que não variam de pessoa para pessoa — que são sempre iguais!

Veio tudo isto a propósito de um passeio que demos à

Continua na 2.ª página



Geny Telles



# O Algarve e o Turismo

Continuação da 4.ª página

infraestruturas previstas: auto-estradas ou vias rápidas de ligação a Lisboa e à fronteira espanhola; ponte do Guadiana; ampliação dos portos; obras de defesa costeira e das praias; abastecimento de água potável; redes de saneamento, etc.

Além da análise das consequências técnico-económicas resultantes do grande desenvolvimento regional encarado, procede-se, simultaneamente, ao exame dos problemas económico-sociais consequentes das disposições planeadas — evolução demográfica e movimentos migratórios, fluxos de tráfego, montante dos investimentos públicos e privados, possibilidades de mão de obra, incremento das actividades agrícolas, industriais, comerciais e outras — com o fim de determinar, em face das possibilidades nacionais, o conveniente grau de desenvolvimento e o seu possível escalonamento. A celeridade imposta a tão importante estudo do plano urbanístico do Algarve permite admitir que este já concluído ainda no ano corrente.

Entretanto, tomaram-se as disposições atinentes a que a iniciativa privada não sofra qualquer paragem, mas possa ser orientada de acordo com os objectivos fundamentais a alcançar.

Foi, assim, possível e com a colaboração de outros departamentos da Administração — Municípios, Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos e Junta Autónoma de Estradas — autorizar, no que ao Ministério das Obras Públicas diz respeito e preenchidas as formalidades que pendem da competência do S.N.I., a construção de 30 estabelecimentos hoteleiros com cerca de 3 200 quartos ou seja com uma capacidade para mais de 6 mil turistas.

Não se esquecerá que os projectos de construção de outras unidades hoteleiras, com capacidade de 600 quartos, haviam sido já anteriormente autorizados.

Assim foi já autorizada a construção de unidades hoteleiras no Algarve com uma capacidade global de 3 800 quartos, estando em via de realização 940, com projecto elaborado 980, com projecto em estudo 1 300, desconhecendo-se a posição dos projectos em relação a 580.

Poder-se-á, deste modo, triplicar brevemente a capacidade hoteleira do Algarve, estando em vias de apreciação outras iniciativas recentemente submetidas à apreciação dos serviços do Ministério das Obras Públicas.

Os empreendimentos referidos distribuem-se pelas seguintes localidades: Monte Gordo, Tavira, Faro, Ilha de Faro, Vale de Lobo, Quarteira, Olhos de Água, Oura, Albufeira, Sesmarias, Pera, Armção de Pera, Senhora da Rocha, Carvoeira, Portimão, Praia da Rocha, Praia do Vau, Três Irmãos, Penina e Praia da Luz.

Será ainda de notar que os projectos de construção hoteleira que não se adaptaram aos indispensáveis critérios de valorização da região foram em número muito reduzido.

O condicionamento resultante da evidente necessidade da defesa do património paisagístico do Algarve obrigou a sustentar, durante este período transitório, outras iniciativas como a da construção de moradias, pois importa definir com segurança os locais a reservar pa-

ra estabelecimentos de interesse público como os hoteleiros e similares. Doutro modo não seria possível a defesa da região, com vista a não alterar substancialmente o carácter e ambiente próprios e a preservar aqueles valores naturais que contribuíram para colocar o Algarve entre as zonas turísticas internacionais com maiores possibilidades de desenvolvimento.

A evolução dos estudos de planeamento urbanístico tem, todavia tornado já possível uma progressiva libertação das restrições iniciais.

Deverá ainda gostosamente registar-se que a colaboração dedicada e esclarecida das Câmaras Municipais do Distrito de Faro e a boa compreensão dos sectores privados interessados tornou desnecessária a publicação de quaisquer medidas legais de natureza repressiva.

Dentro deste espírito de entendimento e cooperação, o Ministério das Obras Públicas, com a firmeza justificada pelo alto valor do património regional a defender, — que é, afinal, a matéria prima do ambicionado progresso global a alcançar — continuará a orientar e estruturar o desenvolvimento urbanístico desta tão promissora província.

## As Festas de Tavira e os seus colaboradores

Continuação da 1.ª página

car quer pela beleza das suas ornamentações quer pela variedade dos seus programas.

A razão de nos anteciparmos talvez a falar sobre as festas de Tavira, visto que ainda não temos comunicação oficial do seu programa, é unicamente para prestar justa homenagem a dois dos seus melhores colaboradores da «Canção de Tavira», realizada o ano passado.

Embora tudo tenha decorrido com infelicidade e alguns oportunistas tivessem tirado partido da boa fé da Comissão, o que é uma verdade é que algo se salvou naquele mar encapelado de sórdidas ambições e de entre outros salientamos com justiça os artistas Geny Teles, inspirada compositora e distinta professora de música e canto autora das lindas... que o público aplaudiu freneticamente, dentre elas a linda «Serenata no Gilão», apontando-a até para a 1.ª classificação e António Luz, que as cantou admiravelmente e alcançou a pesar de tudo já vir talhado por um júri oculto, com toda a justiça, o 1.º prémio da interpretação masculina.

São estes dois geniais artistas que certamente este ano voltarão a dar o seu contributo às Festas da Misericórdia de Tavira.

António Luz, que já cantou várias vezes na Emissora Nacional e em Rádio Moçambique, laureado aluno de Geny Teles, com a sua voz de ouro, voltará a brilhar nas serenatas e Geny Teles a dona e senhora da mais fértil inspiração musical decerto colaborará com algumas das suas composições dedicadas a esta pérola algarvia, distante do seu olhar mas que vive muito perto do seu coração.

Ambos contam já com grande número de admiradores no Algarve e, por isso, estamos certos que mais uma vez o público terá o ensejo de os ovacionar.

Por iniciativa de um taviense que muito estima o seu torrão natal, o sr. José João Santos Dóres, damos hoje à estampa as fotografias destes dois artistas que generosamente já deram o seu contributo às grandes Festas da Misericórdia de Tavira, a quem endereçamos as nossas saudações.

Ficamos aguardando para breve o comunicado da Santa Casa da Misericórdia de Tavira, sobre o programa das próximas festas.

# Prossegue a valorização DO ALENTEJO

Continuação da 1.ª página

água para rega de 7 400 hectares, e 3,65 milhões de metros cúbicos para abastecimento de Elvas, Campo Maior e de diversas povoações dos dois concelhos.

Este acontecimento permite-nos ainda salientarmos o facto de prosseguirem, apesar da contrariedade dos nossos inimigos, obras que exigem grandes empreendimentos e que se destinam a um maior enriquecimento da Nação.

Enquanto elementos estranhos procuram perturbar a nossa presença em terras do Ultramar, obrigando-nos a desviar importantes somas para a defesa nacional, todas as nossas forças pontenciais acorrem aqui e ali, mesmo quando maiores sacrifícios são exigidos, para bem da integridade da Pátria.

Somos ainda levados a concluir o seguinte: Toda a força de um povo deriva, essencialmente, da existência de uma consciência nacional.

Quando, independentemente da condição social, existe a plena noção do elo a que todos unem — um destino comum — é sabido que uma sólida barreira se constrói automaticamente para enfrentar perigos, por maiores que estes sejam.

Vamos, pois, à semelhança do que se verifica em terras do Alentejo ou de qualquer outro ponto do país, continuar a caminhada que os antepassados nos impuseram. Há uma missão a cumprir, uma missão que nos foi legada: manter e avivar o ideal cristão para que salvando Portugal possamos também salvar a civilização ocidental.

M. Tristão



## CICLISMO

Hoje, pelas 16 horas, na pista do Ginásio de Tavira, será levado a efeito um festival de ciclismo em que colabora a equipa do Sangaços Desportos Clube constituída pelos seguintes ciclistas: António Baptista, Henrique Castro, Artur Carreira, Henriques da Silva, António Ferreira e Ilídio Rodrigues em competição com a equipa do Ginásio de Tavira.

Do programa constam ainda provas para populares e amadores, em provas de eliminação, perseguição, critério e em linha.

## TOTOBOLA

35.ª jornada 17/5/1964

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1 Portugal — Inglaterra.	1
2 Chaves — Gil Vicente.	1
3 Fafe — Vila Real.	2
4 Lourosa — Tirsense.	1
5 Ovarense — U. Coimbra.	1
6 Marialvas — Naval.	x
7 Matrena — Tramagal.	2
8 Portalegre — U. Tomar.	1
9 Nazarenos — Vilafranq.	1
10 Palmense — Loures.	x
11 Sintrense — Caldas.	1
12 Ferreirense — Moura.	1
13 Aljustrel — Juventude.	1

Jorge Cruz

## Francisco dos Santos

«O Chico Rico»

Comunica que tem 5 moradias, acabadas de construir, sendo 2 na Rua Guilherme Gomes Fernandes n.º 29, e 3 na Rua D. Marcelino Franco, com os n.ºs 32 a 36.

Quem pretender dirija-se ao proprietário, no sítio da Campina — Luz de Tavira.

## ALUGA-SE

1.º andar na Rua do Forno, novo, com 7 divisões. Tratar na Rua Jacques Pessoa n.º 16 — Tavira.

# Crónica de Lisboa

Continuação da 1.ª página

beira-rio, quando do Cais do Sodré fomos até Belém, onde os olhos se detiveram ante o santuário da Pátria, que é o Mosteiro dos Jerónimos. Ali, onde se ergue o extraordinário monumento ao Infante de Sagres, esse monumento que os algarvios tanto desejaram ver implantado no «seu» Promontório Sacro, alta penedia donde o Príncipe dos Navegantes, «deu novos Mundos ao Mundo!» Ali, onde a Torre de Belém é a joia Manuelina de fino quilate que os portugueses mostram aos estrangeiros na moldura grandiosa da sua Praça do Império!

Mas porque este passeio ter-nos levado a tal estado de meditação? É que o Mar estava ali a nossos pés!

Desde criança sempre gostámos do Mar! Porque? Talvez porque um Avó amigo, figura simpática de velho pescador cujas barbas brancas infundiam ternura e simpatia, vivesse toda uma vida na luta diária com esse Mar azul que beija as Costas algarvias.

Talvez porque desde pequenos nos habituámos a escutar as suas histórias e a sentir, com ele, os momentos bons e maus numa vida árdua e difícil em luta constante com a Morte. Não sabemos bem!

Mas recordamos com todos os pormenores, os meses de férias vividos na antiga Armção do Medo das Cascas, em convívio diário e constante com a pequenada da Ilha, nesse Mundo feliz da meninice. Lembramos, já na adolescência, os meses de Verão passados na Ilha, quando o «Arraial» se transformava em Praia de Banhos!

Vem igualmente à nossa memória o prazer especial que sentíamos, ao fustigar-nos o rosto a brisa do Oceano, enquanto escutávamos o marulhar das ondas e aspirávamos o cheiro forte das algas. Como também nos vem ao pensamento, quando em dias de tempestade ou de levante rijo, a voz do Mar se tornava mais áspera, quase selvagem, e as águas escureciam, e as ondas se erguiam ameaçadoras e bravias e se iam desfazer em salpicos de espuma nos espigões da barra!

Com que prazer e com que saudades (sabemos agora) trocávamos a cidade pela praia, correndo para junto de nossos Avós. Seria, já então, esse um sentimento banal, sem interesse? Supomos bem que não! E supomos porque a Vida continuou e nós ficamos, cada vez mais, presos à paixão do Mar, que por último foi maior ainda quando a pesca nos irmanou numa mesma comunhão de gostos, que tinha por catedral o Oceano!

Agora, longe do Algarve, afastado dos companheiros com quem vivemos tantos momentos inesquecíveis proporcionados por esse Mar que procurávamos avidamente em todos os momentos disponíveis, resta-nos apenas a possibilidade de uma contemplação distante!

Tanta coisa na Vida se modifica! Tantos gostos e sentimentos nos forçam a criar uma

nova personalidade, que muitas vezes nos sentimos outros!

Mas há um sentimento que perdura em nós, fazendo parte integrante do nosso Eu: O amor pelo Mar, o prazer que sentimos ao avistá-lo, ao ouvi-lo, ao tê-lo perto de nós!

Contemplando-o, como há pouco aconteceu, os nossos olhos enchem-se de gozo infinito enquanto as saudades se apressam da nossa alma...

É que escutar o seu ritmo é como que deixar embalar a alma por qualquer coisa de verdadeiro, de profundo. A voz do Mar é sem dúvida a mais alta da natureza. A do vento — dizia um Poeta — não se lhe compara: «O Mar reza... o vento chora!»

21 de Março de 1964! O último pôr-do-sol do Inverno, morreu ontem aqui à beira-mar! Mas no Mar também voltará a cantar a Primavera?

Olhando o Tejo, ao cair da tarde, ficamos com essa certeza! Ela começou há pouco... Bemvinda seja a Primavera de 1964...

## DIA DE MAIO

Que diferença entre o Dia de Maio de hoje e o de ontem! Como «o tempo passa a correr, corre corre, e nem sequer, se detem por um segundo!»

... Parece que vai cumprindo, cruel promessa... Fugindo, em seu silêncio profundo!

Dir-se-ia que a alegria exuberante que neste dia enchia de lés alés os campos e as praias e era motivo para algumas horas de prazer vividas entre familiares e amigos, morreu por completo para dar lugar ao esquecimento de uma tradição que, principalmente na nossa terra, tornava obrigatória a «abalada com cestos e farnéis» para as margens do Séquia e do Almagem e principalmente para esse recanto paradisíaco os Moinhos da Rocha.

Hoje, o dia de Maio, é um dia como outro qualquer. Como outro qualquer, não, pois infelizmente ainda há quem maldizamente o tenha transformado num marco de incompreensíveis discórdias e revoltas, quando Todos, sem distinção, se deviam unir em volta do Altar da Pátria, nesta hora amarga (em que se luta e se morre na África distante para salvaguardar um património que queremos uno e indissolúvel!

Por isso fazemos votos para que se venha a reatar a velha tradição do «Passeio de Maio» aos lindíssimos Moinhos da Rocha!

É já agora seja-nos permitido estranhar que o acesso à «região» dos Moinhos da Rocha, tivesse sido proibido, certamente por imperativos dos actuais proprietários daqueles terrenos, uma vez que tal nunca tinha acontecido em tempos distantes.

Não poderá, aquela Zona ser considerada de «utilidade Turística» e portanto o seu acesso livre a toda a gente, embora, como é natural, respeitando o património particular? Deixamos a pergunta à consideração da Comissão Municipal de Turismo!



Misericórdia de Tavira — Serviços Clínicos para o mês de Maio.

Enfermarias — Drs. Jorge Correia e Ramos Passos.

Consulta Externa — De 1 a 15, Dr. Jorge Correia, às 8 horas. De 16 a 31, Dr. Ramos Passos, às 17 h.

Aos domingos não há consulta.

Consulta Dispensário do I. A. N. T. — De 1 a 15, Dr. Ramos Passos, 17 h. De 16 a 31, Dr. Jorge Correia, às 8 h.

Cirurgia Geral — Consultas em 2, 16 e 30 Drs. Renão Graça e José João Vila Lobos.

Profilaxia Mental — Consulta em 23, Dr. Manuel da Silva, às 15 h.

Oftalmologia — Consulta em 10, Dr. Artur May Viana, às 10 h.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Simplicio.

## TRICANA

CARPETES · TAPETES · PASSADEIRAS · ALCATIFAS

TAPEÇARIA REGIONAL DE COIMBRA, LDA

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 48-A (ao Monumental)

LISBOA-1

ENCOMENDAS AO GOSTO DO CLIENTE  
SERVIÇOS DE LIMPEZA E RESTAURO

TELEFONES 73 63 14 - 5 15 25 - LISBOA

Tribunal Judicial  
Comarca de Tavira  
**ANÚNCIO**

1.ª Publicação

O Doutor João Carlos Leitão Beça Pereira, Juiz de Direito da comarca de Tavira.

Faz saber que corre em editos de trinta dias, contados da 2.ª publicação do respectivo anúncio, notificando António dos Santos Bolas, casado, proprietário, ausente em parte incerta, com último domicílio conhecido no sítio da Campina, freguesia da Luz, desta comarca, de que por despacho de 13 de Abril de 1964, nos autos de execução sumária que o executante Manuel Anselmo Conreiras, move contra o notificando e sua mulher Gertrudes dos Reis Páscoa Bolas, para haver delas a quantia executada de 15 000\$00, importância da letra executada, juros à taxa de seis por cento, 97\$10 de protesto e 50\$80 centavos de despesas bancárias, foi ordenada a penhora nos seguintes bens pertencentes aos executados:

1.º — Uma décima parte indivisa no prédio rústico inscrito no seu todo na matriz cadastral da freguesia de São João do concelho de Beja, livre de foro, sob o art.º n.º 12 da Secção A., correspondendo o direito indicado à área de 2137 metros quadrados e 5 decímetros, com o rendimento colectável de 50\$80 e o valor matricial corrigido de 1 219\$20, confrontando do norte com terras de José Joaquim Fernandes, sul com terras de herdeiros de João Francisco de Matos, nascente e poente com Estrada de Vale Bom.

2.º — Uma décima parte indivisa do prédio rústico, inscrito no seu todo, na matriz cadastral da referida freguesia de São João, livre de foro, sob o art.º n.º 15 da Secção A., correspondendo ao direito indicado a área de 1700 metros quadrados, com o rendimento colectável de 79\$90 e o valor matricial corrigido de 1917\$60, confrontando do norte com terras de Francisco Rodrigues dos Santos, sul com Amândio José do Rosário, nascente com Estrada da Calçada, e poente com herdeiros de João Francisco de Matos, descrito na Conservatória do Registo Predial de Beja sob o n.º 242, e inscrição n.º 10269 no Livro G-21 a fls. 62.

3.º — Uma décima parte indivisa no prédio rústico, inscrito no seu todo na matriz cadastral da referida freguesia de São João, livre de foro, sob o art.º n.º 29 da Secção A., correspondendo ao direito indicado a área de 650 metros quadrados e o rendimento colectável de 30\$60, com o valor matricial corrigido de 734\$40, confrontando do norte com terras de Maria Teresa de Matos, sul com Francisco Martins Marujo e poente com Francisco António Januário.

4.º — Uma décima parte de uma courela de terra de cultivo, situada à Oliveirinha, freguesia de Ferreira do Alentejo, foreira de 85 litros e 2 decímetros de trigo a D. Albertina Infante Pessanha (hoje à Fundação Luís António Pessanha Pereira — Ferreira do Alentejo) com laudémio de quarentena, confrontando do norte com José Brás e José Vilhena, sul com Francisco Valente, nascente com Estrada do Arrabido, e poente com Francisco Barbosa e António Gonçalves da Silva e Cunha, inscrito na matriz respectiva, no seu todo, sob o art.º 1006, com o rendimento colectável de 1084\$00 e o valor matricial corrigido de 26016\$00, descrito na Conservatória do Registo Predial de Ferreira do Alentejo sob o n.º 4096, a fls. 95 do Livro B-11, conforme inscrição n.º 2786, a fls. 172 v.º do Livro G-4.

5.º — Uma décima parte in-

**Notícias Pessoais**

Fazem anos:

Hoje — D. Edite Paulina Vieira e o menino António Jorge Fernandes Silvino da Trindade.

Em 11 — D. Maria Luísa Costa Luz, D. Maria Luísa Costa Luz Peres e o sr. Venceslau Damasceno dos Reis Ferro.

Em 12 — Menino Joaquim Rogério Frangolho Ventura.

Em 13 — D. Ermelinda de Jesus Costa Conceição, menino António José Lindo Lopes e os srs. Sebastião Trindade e Virgílio Carlos Pedro.

Em 14 — D. Julieta Irene Soares Ramos Palma, D. Aurea Augusta Mártires Conceição Barradas, D. Maria Gertrudes Assunção Gaspar e o sr. Horácio da Cruz Calico.

Em 15 — D. Maria Adalina Corvo Peres, D. Maria da Encarnação Laranjo Conceição Fonseca, D. Maria Luísa Filha Gomes, D. Maria Caetana do Rosário Frangolho, D. Maria Antonieta do Rosário Frangolho, D. Lidia Lopes Rodrigues, D. Maria do Espírito Santo Viegas Evangelista, menina Helena Maria Gago Canasdo e o sr. António Ramos Vaquinhos.

**Partidas e Chegadas**

Com sua esposa partiu para Coimbra, onde foi passar uns dias sem casa de seu filho, o sr. Brigadeiro Eduardo José dos Santos, nosso prezado amigo e conterrâneo.

— Com sua esposa esteve nesta cidade, o nosso prezado amigo sr. António Eleutério Antunes Costa, antigo chefe da Repartição de Finanças, de Tavira, que se encontra prestando serviço em Faro.

— Em serviço da Junta Nacional de Frutas, seguiu no vapor Funchal, com sua esposa e com destino a Ponta Delgada, Açores, o nosso conterrâneo sr. Engenheiro Agrônomo António José Costa Pires, técnico daquele Organismo.

**Nascimento**

Teve o seu bom sucesso dando à luz uma criança do sexo feminino no passado dia 5 do corrente, a sr.ª D. Maria Cristina Padinha Rosado, esposa do sr. George Soares Rosado, chefe da secretaria dos Serviços Municipalizados da Câmara de Tavira.

Ao recém-nascido e a seus pais desejamos muitas felicidades.

Assinal o «Povo Algarvio»

**Fábrica de Armas de Caça**

J. LAGOAS — TAVIRA

O proprietário, convida as Ex.ªs Autoridades, os clientes e o público em geral, a assistirem às experiências de resistência das suas espingardas, que ali se realizam nos dias 11 e 12 do corrente, a partir das 19 horas.

divisa de uma morada de casas, situada da Rua Dr. Oliveira Salazar, da Vila de Ferreira do Alentejo, foreira em 118\$00 a D. Maria José Arce Infante Pessanha, (hoje à mesma Fundação atrás referida) sem laudémio, confrontando do norte com herdeiros de Tadeu Lopes da Silva, sul com António Francisco dos Santos, nascente com Rua Afonso de Albuquerque e poente com Rua Dr. Oliveira Salazar, inscrito na matriz, no seu todo, sob o n.º 551, com o rendimento colectável de 1496\$00, e o valor matricial de 35 094\$00, descrito na Conservatória do Registo Predial de Ferreira do Alentejo sob o n.º 2515, a fls. 82 do Livro B-7, e inscrito a favor de António Joaquim Bernardo, residente no Monte da Caçapa, freguesia de Alfundão, concelho de Ferreira do Alentejo, sob o n.º 2352, a fls. 65 do Livro G-4, sobre o qual recai o domínio directo ou foro anual de 11\$80, sem direito a laudémio, com vencimento a 15 de Agosto de cada ano, de que é senhorio directo Francisco José Nobre Guedes, casado, residente na cidade de Lisboa.

Tavira, 16 de Abril de 1964

O Escrivão de Direito

Sebastião Baptista Leiria

Verifiquei

O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira

**Comeram ao Barbeiro**

o sistema de alarme anti-sismo que idealizara

Foi comido por desconhecidos o sistema de alarme contra tremores de terra, que um barbeiro de Ayamonte montara há quase um mês.

O barbeiro que ficara alarmado com o sismo de 15 de Março, também sentido em Portugal, soube que as galinhas costumam dar sinais de inquietação momentos antes dos abalos de terra. E, como não queria morrer soterrado, atou uma galinha à perna da sua cama, para ser avisado a tempo, caso estivesse a dormir quando se desse novo sismo.

Há dias, porém, ao voltar a casa, encontrou, em vez da galinha, um cartucho com as penas da ave: alguém levava e comera o sistema de alarme.

**A maior desgraça possível**

O Instituto de inquérito à opinião pública da Alemanha Federal, com sede em Allensbach, efectuou recentemente uma consulta para determinar o que os habitantes da Alemanha Ocidental consideraram «a maior desgraça possível».

Vinte e três por cento dos interrogados responderam que, antes de tudo, receiam a inflação; dezanove por cento o fim do mundo; dezasseis por cento, uma crise económica; treze por cento, o aumento da criminalidade; doze por cento, o aumento da radioactividade; e dez por cento, a falta de emprego.

**VENDE-SE**

A Farmacia Sousa  
em TAVIRA

Informa e recebe propostas o  
Solicitador José Luiz Cesário.

**Dos Livros**

Os Vírus nas Fronteiras da Vida  
por Pernette Danysz

Não há ainda muito tempo que a virologia não passava de um ramo secundário do estudo das bactérias. Hoje passou a ser uma ciência à parte, cuja importância aumenta de ano para ano, que tem os seus institutos, dispõe dos seus métodos e das suas técnicas próprias. Uma ciência em certo sentido explosiva, que está talvez a ponto de anexar um certo número de outras e de abalar bom número de ideias preconcebidas sobre os seres vivos em geral.

O problema dos vírus é ao mesmo tempo geral e particular. Geral, porque, se eles são os mais pequenos dos seres vivos, têm, não obstante, a mesma composição química fundamental que todos os outros, e porque todo o passo em frente que se dá no conhecimento dos vírus é um passo em frente para a biologia no seu conjunto. Particular, porque, desde que se trata de vírus, tudo se transforma em um problema de limite. Estando no limite da visibilidade, os vírus são igualmente uma espécie de limite como seres vivos, reduzidos praticamente, à sua exclusiva função de reprodução.

Este estudo de Pernette Danysz é bastante elucidativo, na medida em que representa uma exposição do estado actual de um problema sobre o qual, em muitos aspectos, são em maior número as hipóteses de trabalho do que as certezas definitivamente adquiridas. Desdobra-se nos seguintes capítulos: «Uma ciência em movimento», «Como se observam os vírus?», «Vírus dos animais e dos vegetais», etc.

**Livros e Revistas**

O Concílio — Já há bastante tempo que paira sobre a nossa mesa de trabalho um pequeno volume da autoria do cônego Vaz Pinto, que se intitula «Concílio». Trata-se de um trabalho interessante onde o autor explica toda a organização de um concílio e a razão porque e para que se fazem concílios.

Util explicação para os leigos, que bem merece o seu agradecimento.

Agradecemos a gentileza da oferta.

A Horta — Eis que surge um simpático volume da Coleção Educativa, Série N-N.º 6, do Plano de Educação Popular, da autoria de Francisco Dias Antunes.

Numa linguagem simples e atraente o autor expõe com inteligência os seus bons ensinamentos sobre agricultura.

É um livro útil de literatura sã, que o povo aprecia e nele aprende muitos segredos dos amanhos da cultura da terra e da arte agrícola.

As culturas dos alhos, das cenouras, das batatas, ervilhas, favas, feijões, pimentos, tomates, etc, tudo é explicado carinhosamente.

Enfim, trata-se de uma obra a todos os títulos digna de apreço.

Letra de Imprensa — Já há tempo que temos sobre a nossa mesa de trabalho este livro do jovem escritor Waldemar Monteiro.

Trata-se de uma série de entrevistas com algumas figuras mais destacadas do nosso meio artístico, musical e literário.

A terceira parte da sua obra é constituída por três capítulos — «História Dramática do Cais», «Mullet mais do que um pintor — um poeta», «Libélia, o canto da liberdade», «Estelões» e «O Barracão».

Muito embora não possamos classificar o livro de livro como uma obra prima da literatura todavia o seu autor mostra a garra de um verdadeiro escritor da nova escola.

O assunto dos seus escritos prende a atenção. Há neles uma profunda análise psicológica e sobretudo é um crítico consciente na exposição dos seus temas, aliçado por uma sólida bagagem literária.

Waldemar Monteiro pode dizer-se que nasceu escritor pois apenas com 15 anos já escrevia contos e aos 17 já aparecia como jornalista, colaborando na nossa melhor imprensa diária.

«Abertura Trágica» é sem dúvida um dos mais belos capítulos nesta obra porque nele o autor revela a sua forte personalidade e o seu estudo sobre a história e a luta dos povos para a conquista da liberdade.

Felicitemos muito expressivamente Waldemar Monteiro e estamos certos de que há-de vir a conquistar um lugar de destaque entre os escritores portugueses do nosso século.

**Pela Imprensa**

Jornal da Costa do Sol

Sob a inteligente direcção do sr. João Martinho de Freitas e tendo respectivamente como seus subdirector e editor os srs. João Raposo dos Santos e João Maria da Silva acaba de iniciar a sua publicação com excelente aspecto gráfico e escolhida colaboração este nosso prezado colega que se

**Panorama da Primavera**

— Estamos na primavera.

Um imenso e maravilhoso tapete formado pelas mais lindas e variadas cores campestres, se divisa agora sobre uma exuberante vegetação como que num gesto de desafio à brancura imaculada das amendoeiras em flor.

Ó primavera! Espectáculo deslumbrante e de beleza inescandível em que se assiste ao mais prodigioso cenário que a natureza nos oferece nos campos férteis e mimosos esmaltados na policromia dos arvoredos das searas e dos relvados.

São bandos de passarinhos que na mais esufiante alegria entoam seus cânticos suaves e doces por entre a ramagem espessa e verdejante do arvoredo; são borboletas disformes leves, subtile, a nadarem silenciosas no fluido atmosférico; enxames de abelhas doiradas pelo resplendor do sol zumbindo de flor em flor; negras andorinhas que deslizam no espaço soltando ternos gorjeios; mais além o murmúio dum fio de água cristalina que brota da fonte ou da dura fraga e corre em direcção ao mar; são ainda milhares de pétalas que se desprendem e arrastadas pelo vento se elevam para depois dispersas pelo chão tornar mais bela essa sinfonia de cor e de som onde se dilui a melodia romântica que a primavera nos oferece nos seus campos matizados.

Como não se hão-de inspirar os poetas e escritores neste tão maravilhoso quadro natural que só Deus soube criar?

É assim leitor amigo, o encanto dos campos na primavera, onde a vida é mais pura, o céu tem mais cor e o sol tem mais luz.

José dos Santos Cavaco Junior

propõe defender os interesses dos concelhos de Cascais e de Oeiras.

É com muito prazer que saudamos o nosso colega com votos de muitas prosperidades e longa vida.

Estrela de Manhã

Completo quatro anos de vida este nosso prezado colega que se publica em Vila Nova de Famalicão, sob a inteligente direcção do sr. José Casimiro da Silva, quem endereçamos, por tal motivo, as nossas felicitações.

Beira Baixa

Entrou no seu 27.º ano de existência este excelente órgão da imprensa regional, acérrimo defensor da região de Castelo Branco.

Ao seu ilustre director sr. Manuel Almeida Garrett endereçamos as nossas cordiais saudações com votos de prosperidades para o seu jornal.

**J. A. PACHECO**

TAVIRA

Fábricas de moagem de  
farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada  
a um escrupuloso fabrico fazem  
com que os produtos das fábricas

**J. A. PACHECO**

tenham a consagração do  
público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

FIZ no passado domingo, 26 de Abril, 400 anos que, um menino, filho de pais sem fortuna, foi levado à vestusta pia baptismal da pequena igreja de Stratford do Avon, em Warwick.

Uma nuvem densa de esquecimento não nos deixa ver qual foi a infância desta criança a quem puseram o nome bonito, mas vulgar, de William. Milhares de biógrafos dão, dele, milhares de retratos diferentes, sem documentos, com documentos, sem dúvidas e cheios delas.

Parece que aos dezoito anos se casou com a filha dum lavrador, oito anos mais velha, e que deste casamento não lhe ficaram grandes saudades. Já com três filhos, deixou a família e abalou para Londres, a fim de escapar a qualquer castigo das autoridades locais. Era uma época agitada, esta, em que corria a política isabelina, e William podia ter sido perseguido por coisa de nada, pois seguiu a fé antiga, dos seus ascendentes.

O que fazia em Londres não se sabe também. Supõe-se que, à porta dum teatro, tomava conta dos cavalos dos fidalgos que iam divertir-se, e mais tarde, subiu um pouco de posto com qualquer outro emprego mal remunerado, mas mais decente. Fumo e trevas, obscurecem estas vagas informações, por certos biógrafos aceites, por outros negados.

Quase aos trinta anos, William, que seguia o seu nome do apelido de família, Shakespeare, editou o que ele próprio chamou o seu primogénito: o poema «Vénus e Adónis» que, com os «Sonetos», foram as únicas obras em verso. A «Vénus e Adónis» seguiu-se Lucrécia e, daí em diante, os dramas e comédias sucedem-se, fazendo todos eles o encanto e arruído dos espectadores.

Mais tarde ganhou dinheiro e coragem para voltar à sua terra, onde, de novo, as amarguras o esperavam. Sustos, desgostos, contrariedades, preencheram os últimos anos do maior pintor da alma humana. Por fim, há quem diga que morreu em consequência de excessos cometidos no banquete de núpcias dama das filhas.

Se a sua vida não teve quase história, da sua obra jamais se falará ou escreverá bastante.

Nunca, escritor algum abrangeu tamanha diversidade de assuntos, nunca, a gama dos pormenores do entreccho foi tão extensa e colorida, nas tintas finas das suas deliciosas imagens poéticas, na graça delicada dos passos mais cómicos, nas substanciais e profundos conceitos filosóficos, na riqueza dos elementos históricos e etnoográficos que nos fornece, e até da clarividência dos lances e argumentos de que se serve.

Não foram simples lampejos dum talento nato que Shakespeare nos legou. A pessoa que escreveu *Limon de Atenas*, o *Mercador de Veneza*, *Otelo* e *Hamlet*, *Rei Lear* e *Macbeth*, não era um moço de estrebria nem um vulgar actor do teatro arribaldino dum grande cidade. Quem tantas obras primas nos legou, ao gosto e génio espontâneos, aliava uma cultura que, para o seu século, se afigura bastante vasta.

Existiam, no tempo em que viveu os famosos contadores de histórias. Eram homens que corriam mundo contando novelas, aos bocados.

Chegados a uma praça, como os saltimbancos de ainda hoje, mandavam tocar pandeiro. Juntava-se gente. O contador de histórias subia a qualquer ponto mais alto e começava a sua narrativa, interessante de enredo. Quando a figura mais simpática do romance estava a atravessar os lances de maior circunstância e a curiosidade do público atingia o auge, ca-

lava-se e prometia o resto da história para daí a tempos. Entrava em cena o bandeginha, coitadito, para recolher o obolo que o povinho, pobre, mas de coração inclinado a comover-se, não negava.

Naste momento apareciam os empenhos. Fulano pedia que não matasse certo donzel que tinha ficado estendido na liça com a estocada dum ferrabrás que lhe cobijava a dama recatada e fidalga. Outro insistia para que dois namorados que os fados separavam se encontrassem e gozassem largos anos de bem-aventurança, outro prometia esmola avultada se, do naufrágio do barco que o contador tinha metido a pique, se salvasse este ou aquele personagem da sua feição. E ainda havia quem exigisse castigo tremendo para os traidores, morte macaca para a feiticeira e justiça para as inocentes vítimas de malsinações ou para os patifes que alanzavam despotismo feroz.

O «contador» deitava as suas contas, ia adiante contar os mesmos capítulos e, ser dotado de poderosa imaginação, mais tarde voltava com o resto da novela que, afinal, os próprios ouvintes ajudavam a compôr.

Shakespeare aproveitou, talvez, algumas destas histórias para as suas composições. Foi buscar outras a lendas velhas que ressuscitou, mas a todas teceu com a trama rica da sua imaginação, onde o poético atingia uma fluidez seráfica, o cómico as mais férteis nascentes do sorriso e o dramático uma grandeza que parece directamente bebida na dilacerante amargura da tragédia grega.

Sendo em grande número as obras de real e universal merecimento, é impossível julgar qual delas apresente maior valor.

Como homenagem ao seu génio fecundo, seguem estas despretensiosas linhas um episódio de «O Mercador de Veneza» que revela a argúcia e finura do seu espírito:

Portia, menina inteligente, desempocirada e rica, recebeu três propostas de casamento. Preferindo secretamente Bassânio, que é pobre, não lhe convém deixar mal colocados o Rei de Marrocos e o príncipe de Aragão.

Então arranja três cofres: um de ouro, outro de prata e o terceiro de chumbo e anuncia que aquele dos namorados que escolher o cofre que contém o seu retrato, casará com ela.

A ambição do Rei fá-lo aposar-se do cofre de ouro. Nela encontrou uma caveira, símbolo da morte que se não compadece com riquezas.

O príncipe, mais modesto, preferiu o cofre de prata e para premiar a sua pedantice encontrou um macaco.

Bassânio, modesto, contentou-se com o de chumbo, onde encontrou o retrato tão desejado.

Claro, que a história não admite a possibilidade de dois pretendentes quererem o mesmo objecto, mas dadas as circunstâncias precedentes, a psicologia de cada um só cabia o metal e símbolo encontrados. E está aí a finura do contraste.

Consoante a moda do seu tempo, as obras de Shakespeare estão cheias de moralidade.

A sua sombra, permitam-se-nos também recolher a lição moral da vida deste menino pobre e apagado, talvez até turbulento e mandrião, respeitando a infância de hoje onde por graça se encontram muitos Shakespeares e outros agentes da felicidade humana e desconhecidos obreiros do progresso.

**ENCARREGADO**

Para Construção Civil

Precisa-se, competente para trabalhos no Algarve.

Nesta Redacção se informa.

**FURRIEL BAIOA VAZ**

Foi acolhida com a maior simpatia e interesse, em todas as classes sociais desta cidade, a iniciativa dos antigos alunos do Externato de N. S. das Mercês de prestarem justa homenagem póstuma ao seu infeliz condiscipulo, o furriel José António Baioa Vaz, uma das vítimas do avião que, em 8 de Novembro do ano passado, se despenhou nas proximidades de São Salvador do Congo, em Angola, quando se encontrava em missão de observação, na zona operacional.

Efectivamente, o José António, pelos seus muitos méritos pessoais, era conhecido e estimado por todos os que alguma vez contactaram com ele, quer na Agência da Empresa Rodoviária, onde começou a prestar serviço desde os 14 anos, quer através das suas múltiplas actividades escolares. A respectiva Comissão Organizadora constituída, como dissemos no nosso último número, pelos srs. Joaquim Eduardo Rocha Dinis, Manuel Tavares Vizeto Guerreiro, António Casimiro Filho de Mondança, João dos Santos Cavaco Gonçalves e António Henrique Pires da Fonseca Soares, dirigiu uma circular a todos os antigos condiscipulos, solicitando-lhes o seu auxílio material, conforme as posses de cada um, para o custeamento das despesas.

Os donativos podem também ser recebidos na Secretaria do Externato ou entregues aos professores do mesmo estabelecimento de ensino.

Para a homenagem foi designado o próximo dia 10 de Junho e o programa está a ser elaborado de acordo com a Câmara Municipal e as autoridades militares.

**«As Armas, Portugal»**

— por Guedes da Silva

Em edição cuidada e com uma capa de gosto nitidamente português, o sr. Guedes da Silva publicou a sua muito acertada resposta ao trabalho a que o sr. Eng.º Cunha Leal chamou «Ilusões Macabras».

Não conhecemos «Ilusões Macabras» nem duvidamos da boa fé do Autor, político da antiga escola, vivendo muito os seus sonhos, sem cuidar na possibilidade das realizações nem na adaptação ao tempo de hoje, de processos que já passaram.

Se considerarmos tudo quanto, em boa fé, os antigos políticos sonharam, está bem que nos encontremos longe da meta; mas se ponderarmos quanto os políticos fizeram antes e depois de Salazar, não há que verificar senão que os segundos, incomparavelmente, realizaram um Portugal maior.

Claro que aqueles que se contentam com sonhar e exigir, procurarão sempre, na sombra, desfazer o trabalho dos homens de acção, dando-se a doce ilusão de que o fariam melhor, sem se recordarem que ao tempo da sua experiência pessoal nada produziram que se parecesse com o programa traçado muito belamente mas que bem se mostraram impotentes para cumprir.

No seu brado «As Armas, Portugal», o sr. Guedes da Silva argumenta claramente em favor da política realizada em prol do engrandecimento do nosso País, chamando o bom senso, a sinceridade, o conhecimento claro dum ideologia patriótica, que são as forças vivas e as armas da Nação, à consideração e defesa dos interesses históricos e económicos da vida de Portugal.

Treslado da Protentosa Vida de S. Gonçalo de Lagos — por D. Frei Aleixo de Menezes — com um comentário de Alberto Iria.

Novena a S. Gonçalo de Lagos — Explicação e texto de José Maria Teles Baltazar.

São duas belas edições integradas nas Comemorações do VI Centenário de S. Gonçalo de Lagos, promovidas pela Câ-

**Do Dizer ao Fazer...**

CERTO Inglês amigo de viajar viu um dia, em sonhos, aparecer-lhe uma cidade branquinha, chamada de verde, sob o velário azul do céu isento de nuvens.

A cidade era pequena, provinciana, de casas limpas, pobrinhas quase todas; aburguesadas, muitas; pretenciosas, raras. Ao meio passava o rio manso, de seda leve, bordado a fogo de limos verdes, preso com a agrafe de prata dum ponte antiga.

Havia muralhas românticas, crenadas de ameias, torres e campanários, telhados de chapéu chinês, jardins ensombrados e frescos, varandas floridas e, à roda de tudo, o mar a babar-se numa salva de areias de ouro.

O mar chamava-o, a cidade chamava-o e o Inglês não sabia, quando acordou, onde ficava essa terra tão maravilhosa, esse mar tão calmo, onde os corpos rosados das crianças eram como flores que tombassem num tanque onde a água enrugasse ao ar da manhã.

O Inglês, impaciente, sentindo sempre a voz que o chamava, deitou-se a correr mundo à busca da cidade modesta e calma, do mar onde havia uma aragem mais leve, mais rescendente aos aromas salinos do mar, mais generoso de conchas raras e búbios caprichosos que chegam à praia e contam os segredos e as lendas dos abismos onde há florestas de corais e anémonas.

Passou terras geladas, quentes, de todas as raças, de todos os climas, correu povoados, desertos, pampas e tundras, mas o sonho dizia-lhe que não eram o terra que o chamava, o mar que ele desejava.

Faltava pouco para chegar à esquina do planeta e, disadido de todo, julgando-se vítima dum sonho falaz, regressou ao seu país.

Mas aí, ao chegar, viu a terra do sonho. Bem, bem encontrava-a, finalmente.

O sonhador atravessou a cidade, correu dum lado a outro, e era tal qual a vira lá na velha Inglaterra, na sua casa de frontaria de tijolo com o pequeno jardim à frente húmido e limoso.

Como tudo encantava! As casinhas velhas, as ladeiras de calçadas poídas por mil passos de gente humilde, as igrejas brancas, paradas, a sorrirem nas janelas de vidraças chispando luz, como os olhos dos santos quando olham o céu.

Depois de tudo ver, de a tudo apurar o ouvido, de aspirar até ao imo dos pulmões o ar sadio e fresco, depois de entrar em todos os becos, mirar todos os cravos que pendem das varandas, pensando no seus mistérios vegetais, o Inglês quis gozar os prazeres da praia, ver o mar, banhar-se, rebular-se na areia, achar bonitas todas as conchas e pedrinhas brancas.

Mas aí é que foi: aconteceu que a ida se efectuou num dia mau em que a travessia, pior

para Municipal daquela cidade, que muito a honram e distinguem e aos ilustres apresentantes e Comentadores.

Não são de mais, com efeito, e assim o provam os presentes e valiosos trabalhos, as homenagens ao Homem austero e simples que soube ser santo, artista e sábio, e não é de mais apresentar a sua vida e obras, aos homens da actual geração, tão carecida e sequiosa da verdade e simplicidade colhidas nos exemplos de santidade que nos deixou Aquele que consideramos o Prolo-Santo algarvio.

que a da Mancha, é a dum mar de incómodos, nicas, peripécias, contrariedades...

O pobre Inglês recordou-se então que a carta topográfica do sonho não indicava ponte. Mas não quis recuar e apesar de homem poder se-lhe-ia chamar uma «Maria-vai-com-as-outras».

Lá se, foi. Agora, para voltar, o espectáculo foi mais palpitante que o do copejo.

Batia o pé e não queria regressar sem que lhe fossem buscar uma ponte pênsil, um funicular ou, ao menos, un a grua que o transportasse.

Qualquer estudante que p andava ouviu a bravata do viajante e tentou explicar que tínhamos uma ponte prometida.

— Ah, então bem! — e o bom homem começou a passear dum lado para outro, ao rés do mar imutável e imenso, onde o Sol falcava em milhões de fagulhas em constante movimento.

Depois, o subdito de S. M. Britânica começou a impacientar-se. Foi perguntar ao estudante se poderia conseguir a ponte, dentro de dez minutos, visto querer voltar à cidade.

Dentro de dez minutos? O rapaz olhou o estrangeiro duvidando do seu tino e, conforme as forças linguísti as lho permitiram. Lá foi explicando que para um reboco numa parede era preciso quinze ou mais dias de formalidades, diligências, documentações.

Fizesse então ideia do tempo necessário para estender uma ponte (mesmo das que estendem e encolhem). Nem dez anos.

Caiu o beijo ao pobre sonhador. Que fossem em cata de helicóptero, balão, passaro-la, tapete voador ou o que quer que fosse, que o livrasse de travessia igual à da ida.

E como lhe fizessem ver que as coisas se iriam passar da mesmíssima forma, o bom homem mandou vir salva-vidas, socorros a naufragos, ambulância, médicos, tabelião, bóias, cabos, balieiras, telégrafo e só comboiado de todas as precauções atravessou a barra numa ponte... de medo, aquela muito natural numa ilha chamada... Medo das Cascas.

**A Verdade é Silenciosa**

Continuação da 4.ª página

Numa palavra, urge ser objectivo, acreditar que as realidades valem por si e não pelos sentimentos que as ornem. Ouvir para aciear ou discernir, no silêncio da verdade, o menos conforme, a priori.

Discuir sem preconceitos para não ter em certo o que não se provou.

Enfim, todo o objecto material é controlado por um objecto formal e o objecto formal da nossa conversação, da nossa pesquisa da nossa aceitação não deve ser alheio ao desejo de conformar o que dizemos com a verdade, com a verdade que é silenciosa...

Toda a conversação é mais ou menos cultural, doutrinal ou científica. Deus é toda a ciência e Deus é simples. Portanto, a participação também na infinita ciência...

Objectivo. Simples. Ausente de preconceitos. Amante da verdade.

Objectivo. Ser objectivo. — Mas o exemplo?... Onde a desencantada objectividade?

— Tenham paciência: eu estava a discutir discussões...

Raul forte da Silveira

